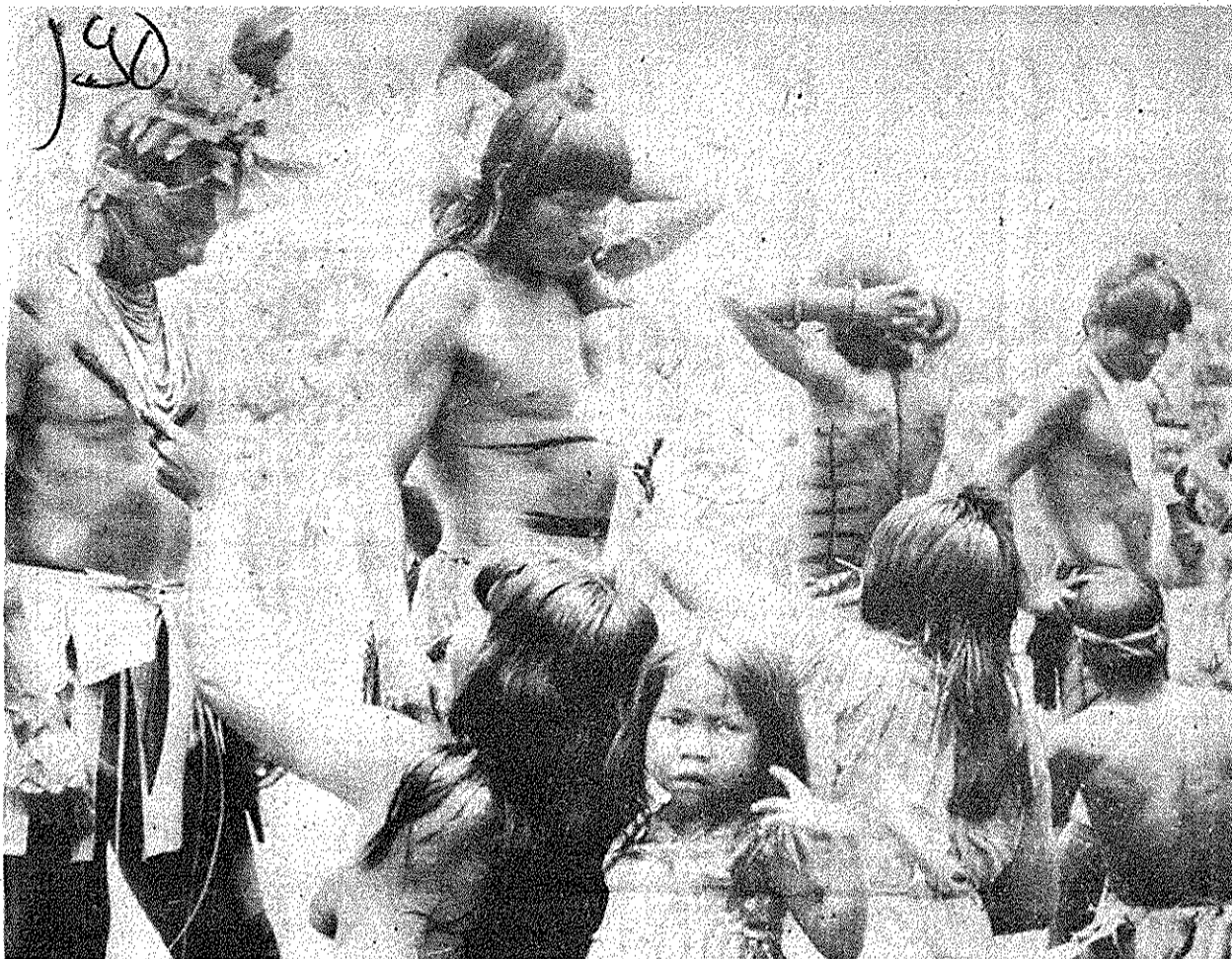


# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário de Pernambuco Class.: Dambiwá 02

Data: 10.01.82 Pg.: \_\_\_\_\_



Os Kambiwá são considerados puros, sinceros e de uma hospitalidade não encontrada em outras tribos

## Tribo Kambiwá: onde o branco não contaminou

De Graça Prado

— Quem chega à Baixa da Alexandra (nome de uma índia que dominava esta maloca), hoje pequeno lugarejo entre Ibimirim e Inajá, encontra a tribo indígena Kambiwá, cujas raízes tribais parecem ter deixado no sopé da Serra-Negra, onde tiveram suas origens e por longos anos, talvez até séculos, habitaram junto à riqueza natural das florestas e dos olhos-d'água que ali existiam.

A afirmação é do sociólogo e professor Genecy Bandeira, grande estudioso dos costumes dos índios nordestinos. Segundo comentou, "agora, a tribo Kambiwá vive à margem da estrada, absorvendo hábitos e costumes da civilização da cidade. Quem participa do seu convívio goza de privilégios da pureza, da sinceridade e da hospitalidade amiga das suas ocas ou taperas revestidas de barro cru, algumas cobertas, ainda, de palha. Suas paredes são enfeitadas com arco, flecha, alguns cocares (que são usados nos seus rituais religiosos), selas, arreios, chocalhos, tudo que faz parte do seu dia-a-dia".

### DEVOÇÃO

— Os índios Kambiwá, conforme descreveu, estão sempre atentos a servir um caneco de café torrado, pisado com mão de pilão, ou chá de endro (digestivo por excelência), ou, ainda, o chá de velame-branco (apropriado para circulação ou figado), como costumam se abastar. Uma coisa muito importante é que eles são devotos fervorosos do padre Cícero do Juazeiro, a quem reverenciam a cada instante com uma fé inquebrantável, fazendo constantes louvações para que tenham força e coragem para vencer a seca e as doenças sem deixar as aldeias e partirem para outros centros em busca de empregos. Um ou outro jovem mais destemido parte na ânsia de encontrar novas oportunidades, o que nem sempre é fácil, pois o nível de escolaridade na aldeia não chega a atingir o primeiro grau, ficando, desse modo, difícil de competir, mesmo nos serviços mais simples. É como se fosse obrigatório em cada oca encontrar uma imagem do padre e outra de Nossa Senhora da Conceição envolvidas com um rosário. E só as-

sim eles conseguem vencer as dificuldades da seca, pois, sendo as plantações de algodão (pequena quantidade), milho, feijão, mandioca e mamona (menor escala), suas atividades principais, é quase impossível manter um equilíbrio de produção quando há mais de três anos não chove forte e nem constante, mesmo no período de inverno, nessa região.

O sociólogo assegurou que a única fonte de água que a tribo dispõe é um poço de 180 metros de profundidade, "onde quatro pessoas arrastam uma sonda (equivale a uma lata d'água), trabalhando no sistema de revezamento 24 horas por dia — cada família tem direito a cinco latas por dia —, não havendo condições para desenvolvimento de culturas de subsistência — tomate, inhame, batata-doce, alface, etc. A caça, para eles, tem se tornado escassa por conta da abertura de novas estradas e, também, de caça esporte de fazendeiros das mais diversas regiões. Suas caças mais comuns são o veado-mirim (14 quilos, no máximo), utia, preá, tatu, peba, o caititu e, raramente, a pequena onça. Algumas árvores nos chamam a atenção pela riqueza que são usadas para a alimentação e que são comuns a esta região, como é o caso do ouricurizeiro, uma palmeira da qual se retira do palmito (olho do ouricurizeiro) um pó de agradável sabor com o que se faz cuscuz, mingau e até pão. O xiquexi que se usa como macaxeira; a macambira é usada para fazer cuscuz, papa e mingau, servindo de alimento para homens e animais; a mucunã, o mesmo que café-do-pará, só é aproveitada para alimentação em último caso, pois os índios a consideram tóxica, só podendo ser consumida depois de o pó ser lavado nove vezes".